


A DISCIPLINA E OS CORPOS DÓCEIS: DO PANOPTISMO AO BIOPODER DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 SEGUNDO MICHEL FOUCAULT NAS REPORTAGENS DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO¹

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.781112524034>

Data de aceite: 29/04/2025

Adriano Rodrigues Mansanera

Psicólogo e Professor da UFPR do Curso de Computação, Ciências Exatas e Engenharias – UFPR- Campus Jandaia do Sul – Mestre em Educação – UEM e doutor em filosofia pela UFSC

¹ O texto originou-se do projeto de pesquisa intitulado: “A análise de conteúdo dos textos jornalísticos do jornal Folha de S.Paulo (2020-2021) sobre a pandemia da COVID-19 na perspectiva de Michel Foucault no saber/poder na sociedade de controle”, aprovado pelo Comitê de Pesquisa da UFPR em 2021, sob o número de registro 202142055

RESUMO: Este estudo propõe uma análise da cobertura midiática da pandemia de COVID-19 pelo jornal *Folha de S.Paulo*, utilizando os conceitos foucaultianos de biopolítica, governamentalidade, discurso e poder. A pesquisa examina como os discursos veiculados pelo jornal estruturaram as relações de poder e regulamentaram comportamentos sociais durante a crise sanitária. A metodologia adotada baseia-se em uma abordagem teórico-bibliográfica, considerando as obras

de Michel Foucault e sua aplicabilidade à mídia contemporânea. Por meio de uma abordagem qualitativa, fundamentada na revisão da literatura, evidencia-se como o jornalismo atuou na legitimação de determinadas narrativas e na regulação dos corpos sociais. A metodologia consiste na revisão e interpretação de conceitos de Michel Foucault aplicados ao contexto da pandemia. A análise revela que a mídia desempenhou um papel crucial na normalização das diretrizes sanitárias, ao mesmo tempo em que foi um espaço de resistência e disputa de discursos. O estudo evidencia que a mídia não apenas reforçou normas sanitárias e discursos científicos hegemônicos, mas também serviu como um espaço de disputa discursiva. O capítulo faz a reflexão sobre o papel da comunicação na construção da verdade, nos processos de subjetivação e na normatização das condutas sociais. Conclui-se que a mídia exerceu tanto um papel de reforço das normas sanitárias quanto de arena para disputas discursivas como os discursos midiáticos estruturam relações de poder, governamentalidade e biopolítica

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19; biopolítica; governamentalidade; mídia; Michel Foucault.

INTRODUÇÃO

Michel Foucault, em sua análise do poder disciplinar, explora como os corpos são adestrados por meio de mecanismos de vigilância e normatização. Em *Vigiar e Punir* (1975), ele destaca que “a disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’”. Durante a pandemia de COVID-19, os discursos veiculados pela imprensa, como os do jornal *Folha de S.Paulo*, evidenciaram a intensificação de tais mecanismos biopolíticos, com o Estado e a sociedade regulando os corpos sob a justificativa da segurança sanitária.

No contexto da pandemia, observa-se como esses dispositivos disciplinares foram intensificados para controlar a população, sob justificativa de contenção da crise sanitária. A emergência de medidas de vigilância massiva e regulação dos corpos revela a transição entre o panoptismo e o biopoder, reafirmando o controle da sociedade sobre o indivíduo.

O conceito de poder em Michel Foucault está intrinsecamente ligado ao controle e à regulação dos corpos humanos. Foucault, ao longo de sua obra, demonstra como as formas de poder se manifestam e se consolidam, evoluindo desde o panoptismo, representado principalmente pela vigilância disciplinar, até o biopoder, onde o controle da vida e da saúde torna-se central. Esses conceitos fornecem uma lente crítica e poderosa para analisar como o poder opera nas sociedades modernas, não apenas pela coerção direta, mas por meio de um complexo sistema de normatização e vigilância.

O objetivo deste capítulo é explorar a transição entre o panoptismo, como modelo de controle social baseado na vigilância constante e no adestramento dos corpos, para o biopoder, que assume um papel ainda mais abrangente, voltado à gestão da vida e da saúde dos indivíduos. A pandemia da COVID-19 emerge como um cenário particularmente revelador dessa dinâmica, pois, diante da crise sanitária global, observamos a intensificação do controle sobre os corpos, não apenas por meio das normas de distanciamento social e uso de máscara, mas também pelas políticas de vacinação, monitoramento e isolamento.

Ao considerar o contexto da pandemia, o objetivo é problematizar como as estratégias de controle sobre o corpo, já discutidas por Foucault, foram resignificadas em tempos de crise, ilustrando a transição do poder disciplinar do panoptismo para o biopoder. O estudo do adestramento dos corpos na pandemia revela a amplificação do controle social e individual em uma sociedade que se vê forçada a adaptar-se às novas exigências de saúde pública, sendo um campo fértil para a reflexão sobre o poder, a liberdade e as práticas de normalização na contemporaneidade.

METODOLOGIA

Este estudo se baseia na análise qualitativa de conteúdo dos textos jornalísticos publicados pelo jornal *Folha de S.Paulo*. Foram selecionadas reportagens que abordam as principais questões relacionadas à pandemia, tais como medidas governamentais, vacinação, impactos econômicos e sociais, e estratégias de controle sanitário. Excluímos reportagens que discutiam a narrativas do ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro e do seu grupo negacionista sobre a pandemia do COVID-19.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

FOUCAULT, BIOPOLÍTICA E A PANDEMIA DE COVID-19

O Panoptismo e o Controle Social

O panoptismo, conceito central na obra de Foucault, pode ser entendido como uma técnica de vigilância que se estende para além das paredes das prisões, influenciando a sociedade em geral. Foucault descreve como o modelo panóptico cria um estado permanente de vigilância, em que o indivíduo se autocontrola por saber que pode estar sendo observado a qualquer momento. Este fenômeno pode ser exemplificado na pandemia, quando, por meio de medidas como o uso obrigatório de máscaras e o distanciamento social, o Estado implementou uma forma de vigilância coletiva.

Durante a pandemia, a vigilância foi estendida ao uso de dados digitais, como o rastreamento de smartphones. Esse tipo de monitoramento individual pode ser visto como uma modernização do panoptismo, já que permite ao poder vigiar os corpos de maneira mais eficiente e, ao mesmo tempo, invisível. De acordo com reportagem da *Folha de S.Paulo* (2020), a utilização de dados de geolocalização de celulares foi crucial para o monitoramento das movimentações e a implementação de restrições para conter a propagação do vírus. Assim, o controle do corpo, realizado por meio de tecnologias de vigilância, se tornou um instrumento de gestão da saúde pública.

A pandemia da COVID-19 proporcionou um cenário propício para a intensificação dos mecanismos de controle, especialmente no que se refere à vigilância estatal e midiática. Durante esse período, governos e corporações passaram a utilizar dados pessoais, como informações de localização de celulares, para rastrear e conter a propagação do vírus. Esse fenômeno pode ser analisado à luz do conceito foucaultiano de biopoder, em que o Estado regula a vida dos cidadãos sob a justificativa da preservação da saúde pública.

Neste capítulo, exploraremos a teoria do panoptismo e do biopoder, discutindo sua aplicação na realidade pandêmica e a forma como o controle sobre os corpos foi legitimado através de discursos científicos e midiáticos. A análise se baseará em trechos da obra de Foucault, bem como em reportagens do jornal *Folha de S. Paulo*, para demonstrar como a vigilância se tornou uma ferramenta essencial no enfrentamento da crise sanitária.

O conceito de poder disciplinar é central na obra de Michel Foucault, especialmente em *Vigiar e Punir* (1975), onde o filósofo expõe como as práticas de vigilância e controle, ao longo dos séculos, têm moldado os corpos e as condutas sociais. Para Foucault, a disciplina atua sobre os corpos, tornando-os dóceis e produtivos, sendo uma estratégia fundamental para o exercício do poder nas sociedades modernas. A disciplina, no contexto da modernidade, não se restringe apenas às instituições tradicionais como escolas, hospitais ou prisões, mas se estende a uma variedade de campos sociais, gerando uma normatização das ações humanas (FOUCAULT, 1975, 1987).

Um dos exemplos mais emblemáticos dessa técnica de controle é o *panoptismo*, um modelo arquitetônico e filosófico criado por Jeremy Bentham, que visava otimizar a vigilância dos prisioneiros. Foucault retoma esse conceito para demonstrar como a vigilância, além de ser física, também se torna psicológica, fazendo com que os indivíduos se comportem como se estivessem sempre sendo observados, mesmo quando não estão (FOUCAULT, 1975, 1987). No entanto, o panoptismo não se limita às prisões, mas se reflete na sociedade contemporânea por meio de tecnologias de monitoramento e controle social.

A pandemia de COVID-19, que eclodiu no final de 2019, forneceu um cenário ideal para o aprofundamento de práticas de controle sobre os corpos, à medida que se intensificaram as formas de vigilância e os mecanismos de rastreamento da propagação do vírus. O uso de tecnologias para monitorar o deslocamento de pessoas, como o rastreamento de dados de localização de celulares, exemplifica a aplicação prática do *biopoder* — um conceito desenvolvido por Foucault para se referir ao poder que regula a vida das populações com o intuito de garantir sua saúde, segurança e produtividade (FOUCAULT, 2008).

A presente análise propõe discutir como as noções de panoptismo e biopoder se manifestaram durante a pandemia, quando o Estado e a mídia exerceram um controle profundo sobre os corpos dos indivíduos, não apenas para controlar a disseminação do vírus, mas também para normatizar comportamentos em nome da saúde pública. Para tanto, recorreremos a reportagens do jornal *Folha de S. Paulo*, que cobriram as diversas facetas da pandemia e da implementação de medidas de controle, com base nos conceitos de Foucault sobre a vigilância e o biopoder.

Foucault (1987) também explica que o panoptismo tem um efeito de internalização da disciplina, de modo que a própria presença do vigia, embora oculta, garante o controle social. Ele acrescenta:

Por outro lado, o Panóptico pode ser utilizado como máquina de fazer experiências, modificar o comportamento, treinar ou retreinar os indivíduos. Experimentar remédios e verificar seus efeitos. Tentar diversas punições sobre os prisioneiros, conforme seus crimes e temperamento, e procurar as mais eficazes. Ensinar, simultaneamente, diversas técnicas aos operários e estabelecer qual é a melhor... (FOUCAULT, 1987, p. 168)

Assim, o Panóptico não é apenas uma prisão física, mas uma “máquina de poder” que visa experimentar e controlar o comportamento dos indivíduos em diversas situações, de modo a torná-los mais eficientes e ajustados às normas estabelecidas.

A aplicação do conceito de panoptismo a contextos mais contemporâneos, como a pandemia de COVID-19, pode ser vista na crescente adoção de tecnologias de monitoramento e controle. Durante a pandemia, o uso de sistemas de rastreamento por celulares e a vigilância digital foram amplamente discutidos e implementados como ferramentas de controle social, como evidenciado em reportagens do jornal *Folha de S. Paulo* do ano de 2020.

Governos de todo o mundo têm recorrido a sistemas de monitoramento baseados em localização de celulares para rastrear indivíduos contaminados e seus contatos, com o objetivo de conter a propagação do coronavírus. (FOLHA DE S. PAULO, 2020)

Este tipo de vigilância reflete o conceito de panoptismo descrito por Foucault, onde a população, ao aceitar a vigilância como medida de contenção do vírus, torna-se um participante ativo na auto-regulação social. Além disso, essa vigilância não se limita ao controle físico, mas se estende ao digital, criando uma forma de monitoramento ainda mais abrangente, sem fronteiras claras entre a privacidade e a segurança. Foucault (1987) já havia alertado sobre esse tipo de controle, destacando que:

Na realidade, qualquer instituição panóptica, mesmo que seja tão cuidadosamente fechada quanto uma penitenciária, poderá sem dificuldade ser submetida a inspeções ao mesmo tempo aleatórias e incessantes – não apenas pelos controladores designados, mas também pelo público; qualquer membro da sociedade terá o direito de constatar com seus próprios olhos o funcionamento de escolas, hospitais, fábricas, prisões. (FOUCAULT, 1987, p.170)

Neste contexto, a pandemia se apresenta como um exemplo moderno de panoptismo, onde a sociedade, movida pela necessidade de controlar a propagação de um vírus, aceita formas de vigilância intensificadas. O modelo de controle descrito por Foucault continua a ser eficaz em tempos contemporâneos, adaptando-se a novos espaços, como o digital, e novas tecnologias de monitoramento.

O BIOPODER E A GESTÃO DA VIDA

O conceito de biopoder, desenvolvido por Michel Foucault, refere-se à administração das populações pelo Estado, que regula a vida biológica por meio de políticas públicas. Durante a crise sanitária da COVID-19, medidas como o isolamento social e a vacinação massiva foram justificadas dentro dessa lógica biopolítica. Para Foucault, o biopoder: “O biopoder trata de garantir que a vida e seus processos entrem nos cálculos explícitos do poder e da política” (FOUCAULT, 1976, p. 285).

Durante a pandemia, a *Folha de S.Paulo* desempenhou um papel significativo como uma ferramenta de biopoder ao divulgar estatísticas sobre a pandemia e pressionar por medidas de controle sanitário. Essa instrumentalização da informação serviu para orientar comportamentos e reforçar a legitimidade das políticas de controle da saúde pública. O discurso midiático, alinhado às diretrizes do governo, transformou a informação em uma forma de controle sobre a população, agindo diretamente sobre os corpos e comportamentos em nome da saúde coletiva.

Além do panoptismo, o conceito de *biopoder* é igualmente relevante para a análise da pandemia. O biopoder refere-se ao conjunto de estratégias de controle e regulação das populações por parte do Estado, com o objetivo de maximizar a saúde, segurança e produtividade da sociedade. Foucault argumenta que, ao contrário dos métodos tradicionais de poder soberano, que atuam de forma punitiva e repressiva, o biopoder se utiliza de técnicas administrativas e de normalização para garantir o funcionamento da sociedade (FOUCAULT, 2008).

Na pandemia, o biopoder se manifestou em diversas formas, como a imposição de quarentenas, a rastreabilidade das infecções e a vacinação obrigatória. Essas medidas foram legitimadas por discursos científicos, nos quais a saúde pública tornou-se uma justificativa para o controle das liberdades individuais. A *Folha de S. Paulo* (2020) destaca que, durante o pico da pandemia, as autoridades de saúde utilizaram os dados epidemiológicos para implementar medidas restritivas, baseadas na racionalidade do biopoder, que regula as populações em função do bem-estar coletivo.

Em sua análise sobre o biopoder, Foucault (1988) enfatiza como esse poder se torna invisível e eficaz ao operar por meio de normas e comportamentos internos, que são adotados pelas próprias populações. Na pandemia, o medo do contágio e as campanhas de conscientização pública atuaram como mecanismos de disciplinamento, fazendo com que os indivíduos seguissem as regras sem a necessidade de uma vigilância direta e explícita.

O biopoder, conceito essencial para compreender a relação entre disciplina e regulação da população, se manifesta através das estratégias do Estado para gerir a saúde coletiva. Durante a pandemia, o discurso biomédico e as estatísticas epidemiológicas fundamentaram medidas restritivas e de imunização obrigatória, justificadas pela necessidade de “proteger vidas”.

Foucault (1978) descreve esse fenômeno como uma forma de controle que se desloca do corpo individual para a espécie humana como um todo: “O biopoder faz viver e deixa morrer. Ele não age mais pelo espetáculo do suplício, mas pela regulação dos processos biológicos.” (FOUCAULT, 1978, p. 138)

No período pandêmico, a imunização em massa tornou-se um imperativo biopolítico. A *Folha de S. Paulo* abordou essa questão na reportagem *Vacinação obrigatória é legal e necessária, dizem especialistas*: “O Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que a vacinação compulsória pode ser imposta pelo Estado, desde que não haja violação direta da autonomia corporal.” (*Folha de S. Paulo*, 2021)

Essa medida exemplifica a transição da disciplina para o biopoder: ao mesmo tempo em que o indivíduo é compelido a se vacinar, a justificativa não é punitiva, mas biopolítica, baseada na gestão coletiva da saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a Folha de S.Paulo, a mídia desempenhou um papel crucial na formação dessa mentalidade de vigilância, através da disseminação de normas comportamentais como o uso de máscaras, o distanciamento social e a higienização constante. Diversas reportagens enfatizaram a necessidade de conformidade social para reduzir os impactos da pandemia, promovendo uma cultura de fiscalização e autocontrole. A constante circulação dessas informações pela mídia contribuiu para o fortalecimento da biopolítica, conceito que Foucault desenvolve em “O Nascimento da Biopolítica” (2008), e que se refere à gestão da vida humana por meio de políticas públicas que disciplinam e regulam o corpo da população.

Nesse cenário, as práticas de distanciamento social e o uso de equipamentos de proteção, como as máscaras, tornaram-se formas de regulamentação corporal que, além de garantir a saúde pública, também fortaleceram o poder estatal sobre a vida dos cidadãos, como observou Foucault em seu estudo sobre biopoder. Assim, os corpos se tornaram “dóceis” não só por meio da disciplina direta, mas também pela internalização de normas que passaram a regular os comportamentos em espaços públicos e privados.

A análise das reportagens do jornal *Folha de S.Paulo* revela como a mídia serve como um vetor para a normatização de comportamentos durante a pandemia, criando uma rede de vigilância entre os indivíduos. A sociedade passou a funcionar como um conjunto de microfísicas de poder, onde todos, em diferentes graus, eram vigiados e vigiavam uns aos outros. Como afirma Foucault: “o controle da população, e não apenas de seus corpos, passa a ser o principal objetivo da política, e isso é alcançado através da regulamentação das condições de vida e da normalização dos corpos” (FOUCAULT, 1975, p. 243).

Biopolítica, Normalização e Estado de Exceção na Pandemia de COVID-19

Este capítulo apresenta uma análise dos resultados obtidos a partir da aplicação do referencial teórico foucaultiano e agambeniano à pandemia de COVID-19, enfatizando os mecanismos de biopolítica, normalização e estado de exceção. A partir de uma abordagem interdisciplinar, mobiliza-se a teoria de Foucault, Agamben e outros pensadores para discutir como a gestão da pandemia materializou formas contemporâneas de controle social.

O Panoptismo e a Vigilância Sanitária na Pandemia

Foucault (1987) define o panoptismo como um mecanismo de vigilância hierárquica e normatizadora, que permite o controle dos indivíduos sem a necessidade de coerção física direta. Durante a pandemia, as políticas sanitárias, como lockdowns e monitoramento de deslocamento por aplicativos, exemplificam essa forma de poder disciplinar. A coleta massiva de dados de saúde e a implementação de restrições mostraram como o panoptismo evoluiu para mecanismos mais sofisticados de regulação da vida social.

Na cobertura da *Folha de S.Paulo*, observa-se a frequente associação entre as medidas disciplinares e a necessidade de controle biopolítico. Um exemplo claro pode ser encontrado na matéria intitulada *Governo ampliará monitoramento de celulares para conter COVID-19*, que reporta:

A ideia é acompanhar deslocamentos da população para identificar aglomerações e frear a disseminação do vírus. O monitoramento será feito com base em dados anonimizados fornecidos pelas operadoras de telefonia. (*Folha de S.Paulo*, 2020)

Essa forma de controle reflete o conceito de vigilância panóptica, na qual os indivíduos, cientes da possibilidade de serem observados, modificam seu comportamento sem necessidade de coerção direta.

Corpos Dóceis e a Interiorização da Disciplina

Foucault (1987) argumenta que as disciplinas produzem “corpos dóceis” ao treinar os indivíduos para se submeterem a normas sem necessidade de força explícita. Durante a pandemia, observa-se esse fenômeno na adoção espontânea de regras sanitárias, como distanciamento social e uso de máscaras.

Na matéria *Brasil adota medidas restritivas inspiradas em modelos asiáticos*, a *Folha de S. Paulo* destaca:

Cidades brasileiras implementaram sistemas de ‘passaporte sanitário’, em que apenas vacinados podem frequentar espaços públicos fechados, inspirados no modelo chinês de controle epidemiológico. (*Folha de S.Paulo*, 2021)

Essas restrições ilustram como a disciplina se interioriza nos corpos, levando os indivíduos a conformarem-se às regras estabelecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de COVID-19 evidenciou como os mecanismos foucaultianos de poder disciplinar e biopolítico continuam operando na sociedade contemporânea. A vigilância midiática e estatal, amplificada por plataformas digitais e meios de comunicação, reforçou o controle sobre os corpos dóceis, disciplinando-os em nome da segurança pública. Dessa forma, a relação entre o pensamento de Foucault e o discurso da *Folha de S.Paulo* durante a pandemia ilustra a permanência dos mecanismos de domínio e regulação da vida no século XXI, confirmando a relevância do conceito de biopoder para entender as práticas de governamentalidade na contemporaneidade.

O jornal *Folha de S. Paulo* selecionado para nosso estudo desempenhou um papel central na divulgação e normalização dessas políticas, demonstrando como a mídia se torna um dos dispositivos fundamentais do biopoder. A pandemia evidenciou a expansão dos mecanismos de controle, trazendo à tona questões essenciais sobre liberdade, segurança e governamentalidade na contemporaneidade.

A análise foucaultiana do panoptismo e do biopoder revela como os mecanismos de vigilância e disciplina se consolidam nas sociedades modernas. Durante a pandemia da COVID-19, a implementação de estratégias de monitoramento, justificada pelo discurso da saúde pública, reforçou a normalização do controle sobre os corpos. O Estado, aliado à mídia e às novas tecnologias, estruturou uma rede de vigilância que, sob a aparência de proteção coletiva, reafirmou a lógica disciplinar descrita por Foucault.

Os dados demonstram que, no contexto da pandemia, o panoptismo não se restringiu a instituições fechadas, mas alcançou a vida cotidiana por meio do rastreamento de deslocamentos e da análise de dados pessoais. Dessa maneira, a crise sanitária acelerou processos de biopoder, evidenciando o impacto das políticas de vigilância na autonomia dos indivíduos.

As reflexões sobre o controle dos corpos durante a pandemia, observadas sob a lente foucaultiana, não se limitam à análise das políticas sanitárias, mas também envolvem uma crítica às formas de poder que se manifestam em tempos de crise sanitária, evidenciando as tensões entre liberdade individual e segurança coletiva.

Por fim, ao analisar a relação entre disciplina e biopoder no enfrentamento da pandemia, percebe-se que a lógica do panoptismo continua vigente, adaptando-se às novas realidades tecnológicas. O controle sobre os corpos, legitimado por discursos científicos e midiáticos, reforça a necessidade de uma reflexão crítica sobre os limites entre proteção coletiva e liberdade individual.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População: Curso no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica: Michel Foucault e o neoliberalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOLHA DE S. PAULO. **COVID-19 e as Medidas de Vigilância: O Uso de Dados de Localização de Celulares e o Controle Social**. Folha de S. Paulo, 2020. Disponível em: www.folha.uol.com.br. Acesso em: 25 mar. 2025.
- FOLHA DE S. PAULO. **“Governos de todo o mundo têm recorrido a sistemas de monitoramento baseados em localização de celulares para rastrear indivíduos contaminados e seus contatos, com o objetivo de conter a propagação do coronavírus.”** Folha de S. Paulo, 2020. Acesso em: 25 mar. 2025.

FOLHA DE S.PAULO. **STF decide que vacinação contra a Covid pode ser obrigatória, mas não forçada.** São Paulo, 17 dez. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/12/stf-decide-que-vacinacao-contra-a-covid-pode-ser-obrigatoria-mas-nao-forcada.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2025

FOLHA DE S.PAULO. **Monitoramento de celular para conter coronavírus levanta debate sobre privacidade.** São Paulo, 29 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/monitoramento-de-celular-para-conter-coronavirus-levanta-debate-sobre-privacidade.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2025.

FOLHA DE S.PAULO. **“O impacto do distanciamento social na saúde pública”**, Folha de S.Paulo, 2020. São Paulo, 27 jul. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/07/passaporte-da-vacina-vira-exigencia-em-cidades-do-brasil-e-gera-debates-sobre-direitos-individuais.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2025

FOLHA DE S.PAULO. **Passaporte da vacina vira exigência em cidades do Brasil e gera debates sobre direitos individuais.** São Paulo, 27 jul. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/07/passaporte-da-vacina-vira-exigencia-em-cidades-do-brasil-e-gera-debates-sobre-direitos-individuais.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2025

FOLHA DE S. PAULO. **Governos monitoram celulares para conter a COVID-19.** Folha de S. Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2025.